

Genésio diz que Darci matou seringueiro

Garoto confirma no tribunal que Darly foi o mandante do assassinato de Chico Mendes

XAPURI — Em depoimento prestado no terceiro dia de julgamento dos acusados da morte do líder seringueiro Chico Mendes, em Xapuri, a principal testemunha da promotória, Genésio Ferreira da Silva, de 15 anos, confirmou que o fazendeiro Darly Alves da Silva foi o mandante do crime e seu filho, Darci Alves Pereira, o executor. O juiz Adair José Longuini acatou sugestão do advogado de acusação, Márcio Thomaz Bastos, com base no depoimento de Genésio, de abrir inquérito complementar para apurar o envolvimento de Alvarino Alves da Silva e Oloci Alves Pereira, irmão e filho de Darly, no crime.



Genésio revelou a existência de uma equipe de pistoleiros na fazenda, formada pelos irmãos "mineirinhos" — Amadeus, Francisco (ou Oscar) e Sérgio (ou Jardeir). A polícia do Acre investiga a vida dos pistoleiros desde o assassinato do seringueiro, no dia 22 de dezembro de 1988. De acordo com o delegado Nilson Alves de Oliveira, que presidiu o inquérito do crime, Sérgio teve participação direta no assassinato. Sérgio, segundo a advogada assistente da acusação, Sueli Belatto, participou também de matanças em Minas Gerais e os outros irmãos, Amadeus e Oscar (ou Francisco) têm implicações criminais em Rondônia. Genésio afirmou no depoimento que Oscar trocou o nome para Francisco com o objetivo de despistar a Justiça, pois teria fugido da prisão de Porto Velho, em Rondônia. "Na fazenda todos sabiam que Francisco ia fugir de Rondônia", acusou Genésio. Os irmãos estão foragidos.

Segundo o testemunho de Genésio, Darci teria dito "o homem está morto", ao chegar à Fazenda Paraná no dia da morte do seringueiro. "A vaca já está presa, vamos comer o churrasco amanhã mesmo", teria respondido Darly. No churrasco, estiveram presentes Darci, Amadeus e

Francisco, irmãos de Sérgio e Darlyzinho. O garoto morou sete anos na fazenda de Darly e tem uma irmã, Natália, que é casada com Oloci, outro filho do fazendeiro.

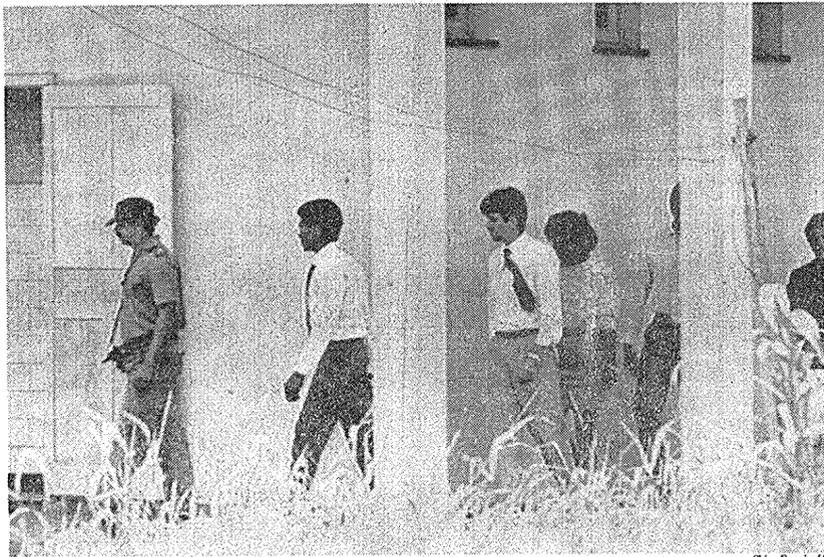
Quando o garoto entrou na sala de julgamento, Darly olhou-o fixamente por uns 10 segundos, com o filho Darci permanecendo o tempo todo de cabeça baixa. Os dois não puderam assistir ao depoimento de Genésio, a pedido do assistente da acusação, Márcio Thomaz Bastos, para evitar constrangimentos ao depoente. Ele começou dizendo que trabalhava com o gado dava comida aos porcos e roçava o pasto. No dia da morte de Chico Mendes, Genésio estava deitado em sua cama, quando ouviu conversas de Darly e seu irmão Alvarino, de Oloci e dos irmãos Amadeus e Francisco (dois dos "mineirinhos"). Quando Darci chegou, acompanhado de Sérgio, o terceiro "mineirinho", Darly teria perguntado, de acordo com o depoimento de Genésio, quem havia atirado. Darci teria respondido que fora ele.

O garoto Genésio revelou que o assassinato de Chico Mendes foi planejado, dizendo que por várias vezes tinha ouvido Darly e os filhos conversando na área da casa sobre uma tocaia para matar o sindicalista.

O outro depoimento foi do escrivão aposentado Raimundo Dias Figueiredo. Ele contou que um mês antes do assassinato de Chico Mendes, ele foi visitado no fórum de Xapuri por Darly e Alvarino. Segundo Figueiredo, Darly queria saber se havia chegado uma carta precatória da Justiça do Paraná determinando sua prisão. Figueiredo disse a Darly nada saber da carta e que, se esta tivesse chegado, passaria por ele ou pelo juiz da época, Adair Longuini. Segundo Figueiredo, Darly lhe respondeu que a carta de Umuarama, no Paraná, havia chegado, pois Chico Mendes já tinha uma cópia dela. "Vou mostrar para o Chico Mendes que ele não é a minha mulher para pegar no meu pé, pois ninguém nunca pegou no meu pé", teria dito Darly, de acordo com o depoimento de Figueiredo. Ele também confirmou outra frase de Darly: "Ele (Chico Mendes) pode aguardar o que irá acontecer".



Genésio no depoimento: confirmação do acerto entre Darly e Darci para a morte do seringueiro



Os jurados entram no tribunal: depoimento de Genésio deixa a defesa em situação difícil

Perito afirma que assassino teve colaboração

XAPURI — O perito da Unicamp Nelson Massini, testemunha da acusação, revelou ontem ao juiz os resultados dos laudos técnicos. De acordo com o especialista, o crime foi cometido por mais de uma pessoa e houve tocaia. A evidência de premeditação foi verificada devido à presença de restos de comida e cigarros no local de onde partiu o tiro. "Esse não foi um crime solitário", garantiu Massini.

O depoimento do perito foi feito no final da tarde, depois que o garoto Genésio, a principal testemunha de acusação, falou no tribunal. Assim que o garoto terminou seu relato, dois dos três advogados de defesa — João Lucena Leal e Armando Reigota — procuraram o assistente de acusação Márcio Thomaz Bastos e o cumprimentaram. "Parabéns, o senhor destruiu nossa tese de defesa", disse Reigota. Darly Alves da Silva, irmão de Darly, também se mostrou pessimista. "Este júri é todo do PT", disse Darly.

Bastos, por sua vez, não escondia o entusiasmo. "Não será mais necessário ouvir as testemunhas porque já ficou clara a culpa de Darci e Darly", disse. A tese da defesa estava centrada na tentativa de desmoralização de Genésio. No depoimento à polícia, em 1988, o garoto disse que três pessoas — Mineiro, Paraguai e Ademir — teriam sido mortas na fazenda de Darly e depois levadas para Xapuri. Os advogados esperavam que Genésio mencionasse os mortos, mas ele não tocou no assunto e a defesa perdeu seu trunfo.

"Genésio, por que ao falar agora ante o juiz e o Conselho de Sentença você omitiu cinco nomes?", perguntou Bastos. Genésio respondeu que na época do crime se sentia pressionado e que ficara preso durante quatro meses. O garoto disse que hoje vive em local secreto e estuda a quarta série do 1º grau — a defesa estava orientada para dizer que Genésio vive em cárcere privado e é mentiroso.

Testemunha denuncia mais crimes

Xapuri — O garoto Genésio Ferreira da Silva acusou a família Alves de estar envolvida em outros seis crimes que teriam ocorrido na Fazenda Paraná, em Xapuri, e numa propriedade vizinha. Em um relato rico em detalhes dos assassinatos, Genésio contou ter presenciado cenas de extrema frieza no planejamento e execução dos crimes. Raimundo, por exemplo, vaqueiro da Fazenda Paraná, teria pedido a Darly Alves da Silva para namorar sua filha, Vera Lúcia. "Minha filha é pra homem e não pra peão", reagiu o fazendeiro, segundo o relato do garoto. Mesmo contra a vontade de Darly, Raimundo e Vera namoraram durante algumas semanas, até que o peão foi assassinado. De acordo com Genésio, os autores do crime foram Darly, Darci e um primo, Ivanildo, conhecido como Rildo, filho de um irmão de Darly.

Genésio contou que chegou ao local do crime e encontrou o corpo de Raimundo mutilado, sem as orelhas e a ponta do nariz. Para evitá-lo que contasse o que viu, Oloci, filho de Darly, ameaçou o garoto, encostando-lhe uma faca na barriga. Genésio também relatou o assassinato de dois bolivianos que atravessaram a Fazenda Paraná. "Darly, Oloci e os dois mineirinhos, Serginho e Amadeu, decidiram matá-los para ver o que eles estavam carregando", afirmou o garoto.

Quando os dois bolivianos deixavam a propriedade, depois de tomar água, o grupo, armado, perseguiu-os de carro. Dentro da mochila foi encontrado um saco com cocaína. "Era um pó branco, com a cor do leite que eles levaram para a sede da fazenda." Os corpos foram abandonados pelos criminosos na estrada, um sobre o outro, junto com um saco plástico vazio — provavelmente uma tentativa de simular um assalto. O próprio Darly comunicou a morte dos bolivianos à polícia.

O depoimento de Genésio durou duas horas e 40 minutos e em nenhum momento o garoto expressou emoção ao recordar as cenas que presenciou. Ele falou ainda sobre a morte de Zeca, que vivia de pequenos furtos em Xapuri. Certa vez, Zeca vendeu a Darly 200 litros do inseticida Tordon, roubados na Fazenda Borda da Mata. Darci contou ao pai como o produto fora obtido. Num acesso de raiva, o fazendeiro teria dito que não queria problemas desse tipo com a polícia. "Então eles mataram o Zeca e jogaram o corpo dele na fazenda do Tilinho", revelou o garoto. Tilinho, filho de outro irmão de Darly, Alvarino



Darly: acusado de exercer poder de vida e morte na região

Alves da Silva (que se encontra foragido), teria assassinado — junto com Serginho e Amadeu —, "um puxa-saco de Chico Mendes", como definiu a família Alves. Trata-se de Ivair Higino. "Ele estava perturbando nas terras da família, perto da cidade de Brasília." Genésio descreveu ainda o assassinato de um rapaz cometido por Serginho em Xapuri, depois de uma festa no Salão do Valdemar. Serginho teria convidado a mulher do rapaz para dançar e levado um soco no olho do marido como resposta. Nesse mesmo dia o agressor seria ameaçado por Oloci: "Quem bate num amigo meu morre". O próprio Serginho teria contado a Genésio que matou o homem com dois tiros. Os Alves teriam também assassinado um

garimpeiro de Porto Velho, conhecido como Valci, que trabalhava temporariamente na fazenda. "Não vi o corpo, apenas a fumaça e o cheiro", contou Genésio, que desconhece o motivo do crime. Teria havido ainda um atentado contra vários seringueiros, ocorrido na sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), em Xapuri. O resultado foram dois feridos e "uma caveira", encontrada pelo garoto na Fazenda Paraná.

Em seu depoimento, Genésio revelou que Darly chegou a ficar escondido no mato durante vários dias, mas não deixou de manter contato com os filhos e as três mulheres que vivem na fazenda. "Nesse tempo, ele me pediu para entregar o leite para eles todos os dias.

Preso suposto vingador de Chico Mendes

XAPURI — A Polícia Civil do Acre prendeu na quinta-feira o sindicalista Saulo Lins Ribeiro, o Bacalhau, que desde o dia 23 de outubro estava com prisão preventiva decretada pelo juiz da Comarca, Adair Jorge Longuini. Ribeiro, juntamente com Oswaldo Preto e o soldado da Polícia Militar Francisco de Assis Alves Mendes, irmão de Chico Mendes, é acusado pelo assassinato de José Cândido da Silva, o Zezão, ocorrido em janeiro de 1989.

Em dezembro de 1988, sete dias após a morte de Chico Mendes, Zezão foi preso pela Polícia Militar do Acre como suspeito de ter participado diretamente no assassinato do líder sindical e ecologista. Os seringueiros e trabalhadores rurais de Xapuri e Brasília acusam-no de ser o pistoleiro responsável por vários crimes na região. O assassinato de Zezão aconteceu na estrada do seringueiro de Santa Fé, no trecho que liga Xapuri a Brasília.

QUEIMA DE ARQUIVO

Na ocasião, o delegado Ildor Reni Graebner, na época superintendente em exercício da Polícia Federal, disse suspeitar que o crime havia sido cometido pelo irmão de Chico Mendes, Assis Mendes. Nessa mesma ocasião, o vereador Raimundo Barros (PT), atualmente secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), declarou que tratava-se de queima de arquivo para ocultar as provas do assassinato do ecologista.

Ribeiro permaneceu o dia de ontem numa cela da delegacia de Xapuri e terá de aguardar até o final do julgamento de Darly e Darci para ser ouvido pelo juiz. "Eu não matei ninguém", garantiu. Ele não esclareceu por que não se apresentou para prestar depoimentos à polícia e ao juiz, mas se mostrou vaidoso por ter trabalhado como segurança do seringueiro Osmarino Amâncio, ameaçado de morte.

O soldado Francisco de Assis Mendes, que está em Xapuri, assistindo o julgamento de Darly e Darci, reiterou o depoimento prestado em janeiro do ano passado ao então comandante da PM, coronel Roberto Ferreira da Silva. Segundo seu depoimento, Assis Mendes soube da morte de Zezão pelo rádio no seringueiro de Cachoeira, na casa de seus tios, onde estava passando as férias. "Trata-se de uma trama dos assassinos do Chico Mendes", observou.

Divergências marcam atuação de advogados

Os três advogados de defesa do fazendeiro Darly Alves da Silva e seu filho Darci — João Lucena Leal, Armando Reigota e Rubens Lopes Torres — não têm conseguido se entender quanto às táticas empregadas para inocentar seus clientes. Cada um deles vem defendendo uma estratégia distinta para absolver os réus, e mesmo sentados lado a lado no banco da defesa, não conseguem disfarçar as divergências existentes entre eles.

Os advogados já são como um trio folclórico que tem procurado a imprensa nacional e estrangeira para criticar o trabalho dos colegas que deveriam considerar como aliados lutando por um mesmo objetivo. Quando o pedido de Torres para cumprir o acusado Darci — que completou 24 anos ontem — foi acolhido pelo juiz Adair Longuini, a resposta de Reigota, em plena sessão, foi cáustica e radical: "Não vou ser piegas".

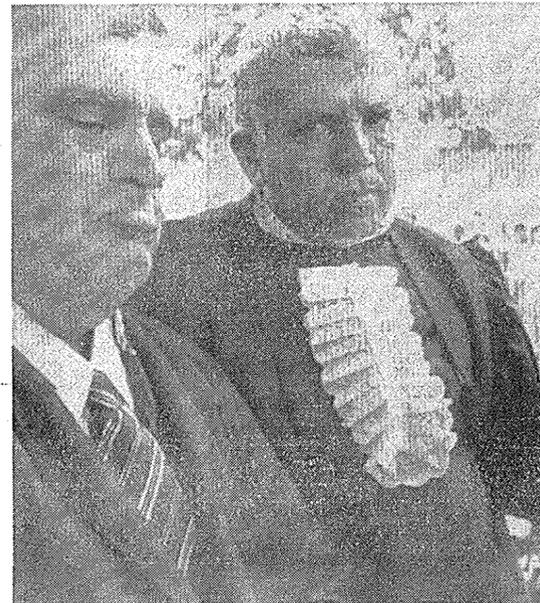
Leal mostrou-se extremamente surpreso ao ouvir de Darci a confissão pelo crime cometido, e responsabilizou Torres pela inesperada atitude do acusado. Ele acredita que a situação começou a sair fora de controle no momento em que Torres decidiu sozinho

cobrar da imprensa US\$ 50 mil pelas entrevistas ou fotos dos acusados.

Reigota é o advogado que tem permanecido mais tempo no julgamento, talvez por ter providenciado uma toalha branca com a qual constantemente enxuga o suor do rosto e do pescoço. O mais gordo dos três advogados deixa o tribunal apenas quando tem fome e resolve percorrer as inúmeras bancas de doces e salgadinhos instaladas perto do fórum.

As divergências da equipe ficam claras quando Torres afirma que considera infundadas as declarações de Lucena de que Chico Mendes teria sido assassinado por uma operação conjunta envolvendo a Polícia Militar do Acre e a Agência de Inteligência Norteamericana (CIA): "Isso é pura bobagem, me tirem dessa história". Lucena, o mais vaidoso dos três, gosta de ficar na entrada do fórum fazendo divergências inocuas sobre direito e política. "Me orgulho muito de ter sido da repressão e ter prendido mais de 200 comunistas, mas nunca torturei ninguém".

Trabalha na cobertura do caso Chico Mendes Altino Machado, Cilene Pereira, Eliana Lucena, Gabriel Nogueira, João Domingos e Wagner Barreira.



Reigota e Lucena: contradições na defesa